



GRACIELA FERREIRA

**A NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA COMO
RITUAL NA FORMAÇÃO
DOCENTE**

RECIFE, 2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARTES
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

GRACIELA RENATO FERREIRA

A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COMO RITUAL NA FORMAÇÃO DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais. Orientação: Prof.^a Dra. Luciana Borre.

RECIFE, 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ferreira, Graciela Renato.

A narrativa autobiográfica como ritual na formação docente / Graciela
Renato Ferreira. - Recife, 2023.

24 p. : il.

Orientador(a): Luciana Borre Nunes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Formação Docente. 2. Saber Sensível. 3. A/r/tografia. 4. Arte têxtil. 5.
Corpo e Memória. I. Nunes, Luciana Borre . (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

GRACIELA RENATO FERREIRA

A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COMO RITUAL NA FORMAÇÃO DOCENTE

Aprovado em: ____/____/____

Comissão Examinadora:

Prof.^a Dra. Luciana Borre Nunes (Orientadora/UFPE)

Prof.^o Dr. Gustavo de Moura Valença Motta (Examinador interno/UFPE)

Prof.^a Dra. Anna Carolina Coelho Cosentino (Examinadora Externa/FBAUP)

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, que com seu imenso amor e proteção me guiou até aqui. Ao meu companheiro Eudes – meu porto seguro. Sou muito feliz por te ter ao meu lado todos os dias, obrigada pelo amor e cumplicidade. Por me encorajar a enfrentar medos e a não desistir dos meus sonhos nunca. Agradeço também às mulheres da minha vida: minhas mães, de quem eu herdei a afeição pelas plantinhas. Todo meu amor a elas que se dedicaram a mim – cada uma em seu momento: Severina, Odete e Neide.

Agradeço as amigadas que foram essenciais nessa jornada acadêmica contribuindo de diversas formas, até mesmo sem saber, tornaram tudo mais leve e alegre para mim. Um salve especial para quem esteve na linha de frente me ajudando diretamente nesses últimos passos da graduação: Leticia Andrade, Alanys Araújo, Rayellen Alves, Lizandra Santos e Daniel Nogueira. Obrigada por todo o afeto e conhecimento compartilhado. Quero agradecer de forma singular a minha parceira de todas as horas: minha amiga Paula de Aguiar. Ela sabe disso, mas faço questão de tornar notável: sua amizade é muito importante para mim. Obrigada Por tudo, por compartilhar comigo até mesmo sua família, que hoje, também considero minha pelo afeto: Neide, Alberto e Polyana. Amo vocês!

É imprescindível destacar como foi importante a relação que cultivei junto ao corpo docente do curso de Artes Visuais, especialmente com a minha orientadora: Luciana Borre – da qual tenho profunda admiração. Agradeço notoriamente sua paciência, compreensão e gentileza. Por acreditar em mim e contribuir de diversas formas em minha formação, obrigada também por me inspirar não só como profissional, mas como pessoa. És incrível. A Maria Betânia e Silva por toda dedicação plena e amor demonstrado em suas aulas. Por transmitir conhecimentos de forma tão inteligente e descomplicada, e dar total atenção à voz e questões do corpo discente. A Professora Carol Cosentino pela leveza, sensibilidade e disponibilidade. Estar com você era ter certeza de sentir paz e acolhimento. Obrigada também por sua disposição em me ajudar consideravelmente nos momentos de escrita e de criação poética, suas referências e sugestões foram fundamentais nesse processo. Fiquei muito feliz e honrada por teres aceitado o convite para participar da banca de defesa deste TCC. Ao professor Gustavo Motta que também aceitou essa missão, também foi um enorme prazer participar de suas aulas que com toda certeza me instigaram e contribuíram no meu processo de escrita. Agradeço também a Professora Suely Cisneiros por me possibilitar, através do ingresso na monitoria docente, os primeiros passos na arte-educação. Obrigada pelo acolhimento em seu ateliê, e pelas excursões didáticas na disciplina de argila, que foram como refúgios e lugares de respiro. Quero agradecer a Walton Ribeiro por seu afeto e amizade e sua companhia sempre agradável e tão solícita. E claro, grata pelas lindas fotografias registradas por ti durante meus processos poéticos.

Resumo

Este trabalho¹ busca relatar as reflexões que surgiram durante o projeto de pesquisa e Iniciação Científica (PIBIC/UFPE), por meio das práticas artístico-pedagógicas vivenciadas no Curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Permeia o campo da Educação da Cultura Visual e a A/r/tografia como método de pesquisa. Tem como principal objetivo: refletir sobre o estudo da memória e a prática da narrativa autobiográfica na formação docente considerando a Arte têxtil e o saber sensível no processo criativo. Como produto artístico resultante desta pesquisa apresento a instalação têxtil *Liame*, que registra por meio do afeto o compartilhamento de memórias durante o *Projeto Tramações: narrativas têxteis e memoriais*, em 2022. É uma produção poética coletiva de estética relacional, idealizada por mim e desenvolvida no Centro Cultural Benfica junto à equipe administrativa, à comunidade acadêmica e à comunidade externa.

Palavras-chave: Formação Docente; Saber Sensível; A/r/tografia; Arte têxtil; Corpo e Memória.

Abstract

This work seeks to report the reflections that emerged during the research project and Scientific Initiation (PIBIC/UFPE), through artistic-pedagogical practices experienced in the Bachelor's Course in Visual Arts of the Federal University of Pernambuco (UFPE). Permeia o campo da Educação da Cultura Visual and use of A/r/tography as a research method. The main objective was: to reflect on the study of memory and the practice of autobiographical narrative in teacher training considering Textile Art and sensitive knowledge in the creative process. As an artistic product resulting from this research, I present the *Liame* textile installation, which he records through affection or memory sharing during the *Tramações Project* in the year 2022. It is a collective poetic production of relational aesthetics. Idealized by me and developed at the Benfica Cultural Center together with the administrative team, the academic community and the external community.

Keywords: Teacher Training; Sensitive Knowledge; A/r/tography; Textile Art; Body and Memory

¹ Foi primeiramente publicado em formato de artigo na Revista Apotheke, edição v. 8 n. 3 (2022): *Os Saberes Artesanais e a Educação*. Sua elaboração é um desdobramento oriundo de um projeto de pesquisa iniciado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/UFPE - 2022/2023, desenvolvido no Departamento de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação da Profª Drª Luciana Borre. Acesse: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/issue/view/913/350>

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Casa tear	07
Figura 02 - Vivência performática têxtil	09
Figura 03 - Memórias registradas durante o processo de criação em Liame	12
Figura 04 - Memórias registradas durante o processo de criação em Liame	13
Figura 05 - Liame. Integrou a exposição coletiva Tramações	13
Figura 06 - Processo poético de Letícia Andrade	14
Figura 07 - Processo de criação em Liame/ Vivência performática têxtil	17
Figura 08 - Memórias registradas durante o processo de criação em Liame	18
Figura 09 - Memórias registradas durante o processo de criação em Liame	18
Figura 10 - Memórias registradas durante o processo de criação em Liame	22
Figura 11 - Memórias registradas durante o processo de criação em Liame	23

Sumário

1	Experiências sensíveis: a casa, a concha e o habitar	07
2	Processos de criação	11
3	O têxtil, o ritual e o saber sensível	15
4	Educação e movência	19
5	Por fim, memórias compartilhadas permanecem vivas	21
6	Referências	23
7	Apêndice - Link de acesso ao vídeo Liame	24

1 Experiências sensíveis: a casa, a concha e o habitar

Em 2021, influenciada pelas memórias da pandemia, produzi poeticamente alguns trabalhos manuais por meio de atravessamentos entre as materialidades do barro e do têxtil. Meu processo criativo se deu de forma experimental ao modelar em argila alguns “teares” em formato de casa, dentro dos quais criei tecelagens. Passei então a investir em meu processo de criação com mais afinco, partindo de narrativas e memórias autobiográficas do habitar, pois me compreendia imersa e entrelaçada em uma necessidade de busca subjetiva e, naquele momento, solitária.

Daí por diante a poética da casa e o estudo da memória e do fazer têxtil foram se desdobrando em outras percepções e aprendizagens. No meio de todo esse devaneio da casa, da prática poética, fui me permitindo criar, refazer e descobrir outros caminhos. Entendi, por exemplo, que dedicar momentos de autocuidado e introspecção era uma fonte de enorme riqueza em minha formação como artista, professora de Artes Visuais e pesquisadora.



Figura 1, Graciela Ferreira, *Casa tear*, 2021. Tecelagem em cerâmica, 2,5 x 31 cm.

Ao participar do Projeto Tramações no ano de 2020 – em sua 3ª edição – nos encontrávamos de maneira remota devido a pandemia de covid-19. Já em 2022, graças às ações de enfrentamento ao vírus, voltamos à presencialidade, de modo que por meio da convivência tivemos a oportunidade de construir em coletivo, saberes e afetos mais fluidos e sensíveis. A cada semana, tínhamos um dia inteiro de imersão. Essa vivência foi essencial, visto que trouxe um outro movimento para minha pesquisa e criação poética. A produção dos teares em cerâmica – antes solitária – abriu espaço para o acolhimento de memórias presentes no corpo a partir da relação entre subjetivo e coletivo, arte têxtil e performance.

Em uma das vivências performáticas em grupo, e já atenta à escuta de minhas próprias sensações corporais, a professora Carolina Cosentino² dispôs na sala alguns objetos e materiais para que realizássemos uma prática sensorial.³ Durante a maior parte do tempo, tive a sensação corporal de ouvir o mar, de sentir e imaginar as conchas da praia — tudo me remetia para esse lugar ou para este sentimento. Foi então que lembrei-me de uma curta viagem à praia que havia feito durante a adolescência. A memória era um recorte, o momento no qual me fascinei ao ver — talvez pela primeira vez — as conchas da praia se moverem.

Aquela imagem em particular vibrou em meu corpo.

Na vivência mencionada, tecidos e roupas eram os objetos relacionais dispostos para que interagíssemos com eles. Sem pensar muito, me abriguei debaixo de um manto de cor azul e performei alguns movimentos corporais. Ainda não tinha me dado conta, mas aquela memória das conchas estava viva em mim, e por meio do gesto performático novos sentidos foram criados.

² Professora Convidada - Centro de Artes e Comunicação (UFPE). Professora de Artes Performativas (Aoficina - CIAJG <https://www.ciajg.pt>); Experiência na área de Artes, com ênfase em Arte/Educação, principalmente nos temas Feminismos e Antropologia do Imaginário; Presidente eleita da Associação Pernambucana de Arteterapia (Arte-Pe) (2012-2014); Doutoranda em Educação Artística (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto/Portugal, 2018); Mestre em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE; Pós-Graduação Lato Sensu em Teoria e Prática Junguiana (Universidade Veiga de Almeida, RJ); Formação em Arteterapia com Abordagem Junguiana (Clínica Pomar, RJ); Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Pernambuco (1998); Membro da Associação Ylê Setí do Imaginário (Recife, PE), do Centro de Pesquisas Internacionais sobre o Imaginário (Centre de Recherches Internationales sur l'imaginaire - Grenoble, FR) e da Associação Pernambucana de Arteterapia (Arte-PE).

³ Inspirada nos objetos relacionais da artista Lygia Clark (sacos de areia, almofadas, lençóis). Onde a partir da relação corpórea criada entre objeto e sujeito, este último lhe empresta um significado expressando assim sentidos diferentes em diferentes sujeitos.



Figura 2, Graciela Ferreira, *Vivência performática têxtil*, 2022. Fotografia: Walton Ribeiro

Agora a casa dilatava outros sentidos.

A partir dessa vivência performática me dei conta de que a imagem da casa ainda reverberava em mim, porém de forma ressignificada e mais orgânica. Era meu corpo — um lugar de sensibilidade e de movimento contínuo, em um estado constante de tornar-se. A leitura do livro *Poética do Espaço*, do filósofo e poeta Gaston Bachelard (1993), passou a integrar meus movimentos e imaginários.

No devaneio da casa, a imagem poética tornava possível dizer o que só ela poderia dizer, ela se bastava em seu sentido. E a concha-casa, como nos ensina Bachelard (1993), é uma imagem inicial, pois pertence ao museu indestrutível e imenso das velharias da imaginação humana.

É preciso então encontrar uma imagem particular para dar vida à imagem geral [...] Robinet⁴ pensou que foi rolando sobre si mesmo que o caracol fabricou sua "escada". Assim, toda a casa do caracol seria um vão de escada. Em cada contração, o animal mole faz um degrau de sua escada em caracol. Ele faz contrações para avançar e crescer. (BACHELARD, 1993, p. 276)

Cada narrativa tem uma imagem e cada imagem conta uma narrativa.

Ao pesquisar um pouco sobre conchas, descobri que os moluscos possuem uma protoconcha, que se forma ao seu redor provisoriamente. Quando atingem uma idade jovem, uma concha definitiva substitui a primeira. E então é formado o manto, que é um tecido parecido com a pele, o qual envolve as partes vitais do molusco. Associando essa imagem do manto, percebo que meu contato mais externo: corpo/pele — é justamente esse maior tecido que me protege e que me mantém em contato direto com o mundo. É também, por onde nos passam todas as experiências sensíveis, concentrando camadas de memórias. Um conjunto integrado, formado de diversidade e características inerentes de nosso *habitat* formador.

A imagem poética do manto envolve. Não apenas subjetivamente, referindo a pele ou a um organismo em sua totalidade, mas como uma imagem simbólica que pode representar um recorte de um tecido social: com suas memórias e narrativas.

Meu processo criativo ganha força e movimento justamente a partir da memória, principalmente a corporal, estimulada pela materialidade sensorial têxtil e pelas experimentações artísticas em coletivo.

Minha poética no projeto Tramações recebe o nome de *Liame*⁵, pois passou a representar justamente o desejo de vínculo com o outro. Tornou-se um espaço de encontro para confluir saberes e afetos com tudo aquilo que ainda poderia aprender na/em relação com subjetividades distintas. Passei, então, a ritualizar meus processos de autoconhecimento por meio da intencionalidade educacional.

⁴ Jean-Baptiste-René Robinet (1735-1820), foi um filósofo naturalista Francês. A fonte de Bachelard é a obra de Robinet: *Visões Filosóficas da Gradação Natural das Formas do Ser, ou os Ensaios da Natureza que Ensina a Fazer o Homem* (Amsterdam, 1761-1768). "Vues philosophiques de la gradation naturelle des formes de l'être, ou les essais de la nature enseignant à faire l'homme", no original em Francês. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/79463#page/7/mode/1up>. Acesso em: 04/03/2023.

⁵ Define-se Li.a.me como aquilo que prende ou liga uma coisa ou pessoa a outra; laço; vínculo (LIAME,2023).

2 Processos de criação

Liame é uma instalação têxtil produzida coletivamente durante os meses de agosto e setembro de 2022, no Centro Cultural Benfica - Espaço extensionista da UFPE. É uma estrutura de algodão com 2,50m x 3,50m que sofreu interferências de amigas/os e colegas dos cursos de Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco. Ao final do projeto a obra participou no mês de outubro da quarta edição da exposição coletiva *Tramações: narrativas têxteis e memoriais*, no Memorial da Medicina e Cultura de Pernambuco/Recife/PE.

Disponibilizei ao lado do tecido alguns materiais têxteis, como tecido, tesouras e retalhos entre outros. Pedi também que ao final da interação/vivência, as/os participantes deixassem memórias escritas em pequenos retalhos de algodão a partir do que lhes sensibilizaram. Cada pessoa convidada era interpelada a trazer de forma livre, um material/objeto, uma performance ou apenas o compartilhamento de uma narrativa autobiográfica, pois essa era a finalidade: e enquanto costuravam aqueles objetos no painel/tecido, conversávamos sobre a relação das memórias que se desdobravam ali naquela vivência, por meio dos afetos mobilizados.

Este processo coletivo estava ancorado na perspectiva *a/r/tográfica*, pois o investimento em meus processos poéticos costurando o saber e o fazer possibilitaram a criação de novas linguagens poéticas, visualidades e experiências estéticas. A abordagem *a/r/tográfica* propõe relacionar “[...] processos de criação poética, práticas de ensino-aprendizagem e de pesquisa” (BORRE, 2020, p. 34). Este modo de pensar a pesquisa em artes muito me contempla, ao passo que une fazer artístico, práticas educacionais e pesquisa. Para a educadora e pesquisadora Rita Irwin (2013, p. 24) “Na *a/r/tografia* saber, fazer e realizar se fundem. Eles se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça híbrida. Linguagem das fronteiras da auto-etnografia e de gêneros.”

Das fronteiras que se abriram no decorrer de minha formação docente, um dos encontros mais relevantes se deu entre a prática da narrativa autobiográfica e o fazer manual. E a partir de vivências *a/r/tográficas*, fui percebendo como esses processos estavam ligados a um modo de fazer e pensar poético ritualístico de narratividade, por meio principalmente, da Arte têxtil.

Além disso, por meio do fazer manual e da narrativa autobiográfica, a *a/r/tografia* também busca considerar no mesmo patamar de importância processos textuais e imagéticos. Estas ações permitem a revisão de discursos e de imaginários,

e o ato de trazê-las em nossa vivência artística-pedagógica, por meio de um investimento poético que valoriza nossas experiências, propiciam um maior autoconhecimento e autotransformação.

Foram momentos relevantes e de muita aprendizagem na minha formação como docente. Pude exercitar a prática do ouvir e estive atenta e aberta para as imprevisibilidades do processo, entendendo o quanto de afetividade tinham esses encontros e de como a dimensão do trabalho exigia a necessidade do outro.



Figura 3, Graciela Ferreira, *Memórias registradas durante o processo de criação de Liame*, 2022.
Fotografia: Letícia Andrade



Figura 4, Graciela Ferreira, *Memórias registradas durante o processo de criação de Liame*, 2022.
Fotografia: Graciela Ferreira



Figura 5, Graciela Ferreira, *Liame*. Integrou a exposição coletiva *Tramações: narrativas têxteis e memoriais*, em outubro de 2022 no Memorial da Medicina e Cultura de Pernambuco.
Fotografia: Graciela Ferreira

Existe uma espécie de moluscos marinhos chamados vieiras – Eles possuem uma característica peculiar: são nadadores ativos — na verdade, são os únicos bivalves migratórios. No devaneio da concha-casa que se move, penso que seja uma imagem apropriada para pensarmos nesse movimento que vem de nossas memórias.

Compartilhar narrativas é ir além de si e deslocar-se de algumas certezas. É entrar em estado de movência com outros. Portanto, criar oportunidades de encontros, é crucial para que nossas narrativas possam ressoar em outros e em nós mesmos, interferindo na construção de outras visualidades.

O projeto *Liame* é na verdade um espaço de encontros, de narrativas e memórias afetivas, que existiram por meio do compartilhamento e pelo deslocamento das pessoas que trouxeram suas memórias — são elas que nos comovem a partir do saber sensível. Comover vem do Latim *commovere*, “mobilizar, mover conjuntamente”, formado de *com-*, “junto”, mais *movere*, “mexer, deslocar, mover”. Não é a concha o arquétipo da casa que se move?



Figura 6, Graciela Renato, *Processo poético de Letícia Andrade*, 2022. Fotografia: Graciela Ferreira

3 O têxtil, o ritual e o saber sensível

Entendo o fazer manual têxtil como uma forma de ritualidade, pois sua materialidade favorece ações simbólicas e processos de reflexão-em-ação. É uma prática que traz permanência, facilitando a narratividade por meio da linguagem poética têxtil e textual mediante o resgate de nossas memórias, daquilo que nos toca, que nos acontece. E, assim, concordo vivamente com Bondía (2002) quando afirma que a experiência é o que nos passa, e acrescenta:

Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. [...] a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. (BONDÍA, 2002, p. 21-22)

Ao ler o ensaio O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente (2021) do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, percebi reflexões marcantes sobre alguns temas, tais como: o impacto da tecnologia digital na contemporaneidade, a coação por produtividade e o excesso de dados e informação. Han observa que, em razão desse excesso, não se é possível concluir e nem transitar entre uma e outra experiência de modo contemplativo ou duradouro, pois tudo é muito vivenciado de forma serial e compartimentada. E assim, pela velocidade e ausência de conclusão, diminui-se a percepção dessa experiência, tornando-a incompleta e rasa. Rituais, do contrário, são processos que não podem ser acelerados (Han, 2021).

Entender o fazer manual de modo ritualístico é considerar não só a capacidade de manter atenção em um processo de fazer com calma, mas também uma maneira de aproximar nosso olhar e escuta, direcionando-os para nossos territórios. Perceber como estamos inseridos cultural e socialmente, aumentando nossa capacidade de ressonância com o outro, sem ela, “a gente ecoa a si mesmo e se isola para si.” (HAN, 2021, p. 23-24).

Assim, percebo que quando nossas narrativas se tornam rituais por meio de um fazer manual desacelerado, consciente e atento à escuta de si, e rico de um saber e uma memória corporizada, encontramos possibilidades de reconhecimento. Reconhecer diz respeito ao fato de que agora se conhece mais do que antes. “Mais”, aqui, se entende não como soma, como acúmulo de informações, que não possuem

força simbólica, mas um conhecer mais aprofundado, como a alguém que conhece sua própria casa, pois o ato de permanecer lhe concede tempo de habitar (HAN, 2021).

É necessário ouvir atentamente o que o nosso processo diz de nós, considerando também nossa atenção a cada escolha que fazemos e aos processos do fazer. Seja nos gestos, na repetição dos pontos, na escolha das materialidades e também na escolha desta ou daquela memória/imagem, estamos de algum modo estabilizando nosso olhar para as visualidades que criamos e as que fazem parte de nosso cotidiano. Tomando consciência de nossa identidade a partir de vivências que priorizem espaços de encontros, de comunicação e criação, que considerem os atravessamentos de imaginários existentes entre sujeito e coletivo. E entendendo como nossas narrativas podem ressoar em outros e em nós mesmos, interferindo na construção de outras visualidades. Como os rituais, as narrativas podem configurar-se como ações simbólicas que estabilizam a vida. Logo, concordo com Han (2021), quando afirma que:

Rituais podem ser definidos como técnicas simbólicas de encasamento. Transformam o estar-no-mundo em estar-em-casa. Fazem do mundo um local confiável. São no tempo o que uma habitação é no espaço. Fazem o tempo se tornar habitável. Sim, fazem-no viável como uma casa. (HAN, 2021, p. 10-11).

Entendo que o fazer manual, ao burlar a produtividade, nos desacelera. São ações simbólicas que se contrapõem às formas de trabalho alienado e serial, onde a experiência não permanece. Rituais são uma forma de permanecer, um refúgio que estabiliza a vida e que proporciona autorreflexão, revisão diária, mudança de planos e construção de novas trajetórias.

Essas autodescobertas, por meio do fazer manual têxtil, foram movimentadoras de processos criativos em minha formação docente. O ato de narrar ao tecer tem um outro tempo: reflexivo, de escuta, de abertura para mim e para outro. Onde em um modo presente, resgato memórias para tecer transformações. Narrar ao tecer é também escrever palavras, é materializar histórias, guardadas em gavetas. Através do gesto posso permanecer e construir um espaço de ser. Segundo Han (2021, p. 58) “O ser é o verbo para o lugar.”

Criar é mover, e todo processo de criação requer movimento.



Figura 7, Graciela Ferreira, *Processo de criação em Liame/ Vivência performática têxtil*, 2022.
Fotografia: Lizandra Santos

Essas experiências sensíveis que tive em meio a produções poéticas onde investia em memórias e narrativas por meio do fazer têxtil, me despertaram o interesse por entender mais sobre o saber do corpo e as relações com o outro.

Foi lendo *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível* (2000), do professor e pesquisador João Francisco Duarte que aprofundi melhor minha pesquisa sobre o saber do corpo/das mãos. O autor questiona a divisão dicotômica convencional entre corpo e mente, diz que somos um emaranhado de processos, e que cada porção de nosso organismo manifesta conhecimento. Argumenta também que a experiência estética acontece primeiramente no corpo e deve ser entendida como um vibrar em comum, um experimentar coletivamente. A Raiz dessa palavra deriva do grego, – aisthesis, ou estesia em português – e indica a capacidade sensível do ser humano de perceber a si mesmo de forma integrada, dedicando-se ao desenvolvimento e refinamento do conhecimento de seus sentidos frente aos estímulos do mundo. (DUARTE, 2000).

Percebo que o fazer artesanal/manual é um movimento que nos permite comunicar de modo sensível, memórias e narrativas contidas em nós. E que o têxtil é materialidade que abriga não só possibilidades artísticas/estéticas diversas, mas

também, acolhe nossos rituais e memórias, pois é um material acessível e muito próximo de nossas experiências e afetividades cotidianas.



Figura 8, Graciela Ferreira, *Memórias registradas durante o processo de criação em Liame*, 2022.
Fotografia: Letícia Andrade

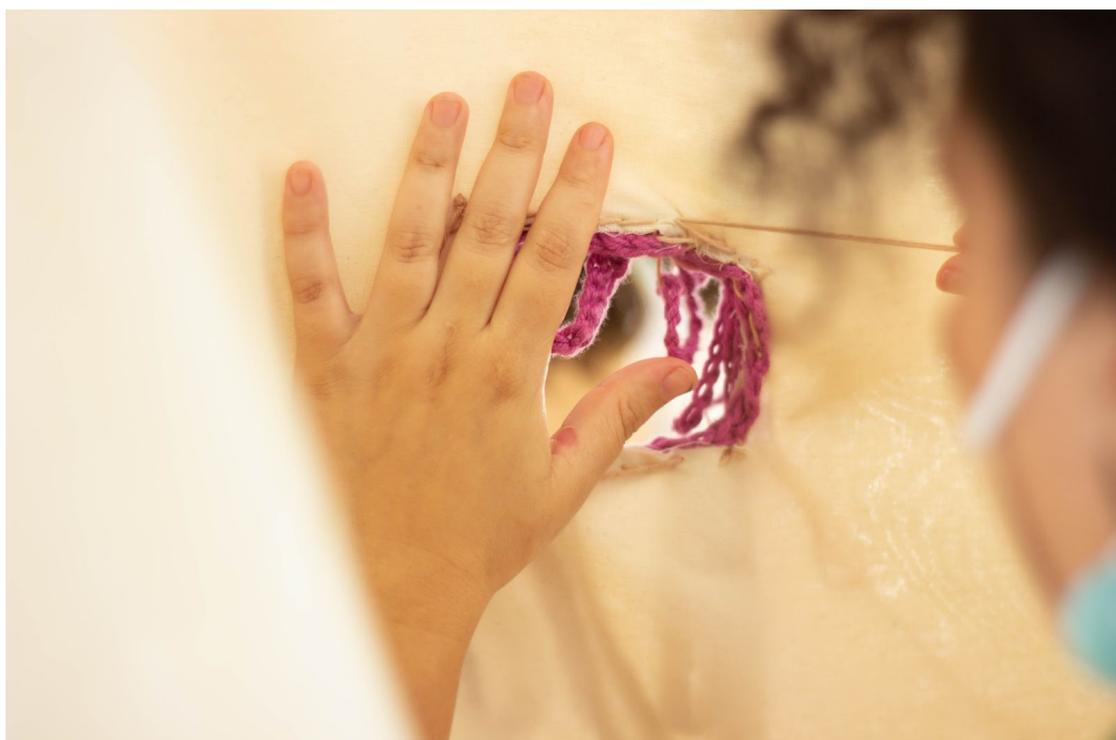


Figura 9, Graciela Ferreira, *Memórias registradas durante o processo de criação em Liame*, 2022.
Fotografia: Letícia Andrade

4 Educação e movência

A base da educação é feita em fricção com o cotidiano (KRENAK, 2022, p.115)

Nesta edição, participei do Projeto Tramações não só como aluna e artista, mas como parte da equipe proponente, integrando o Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV). Fiquei atuando como apoio durante as aulas de tapeçaria junto a professora Clarissa Machado, e pude dar continuidade ao meu processo de criação nas aulas de Performance com a professora Carolina Cosentino. Além da confluência geradora entre a memória e o têxtil, foram também vivenciadas e desenvolvidas práticas artísticas dentro da fotografia, vídeo arte, bordado, tapeçaria e performance.

O conjunto variado de atividade e interações propiciam um olhar mais atento não só para as questões de dinâmica mais formais relacionadas à educação, como sobre uma diversidade de assuntos e situações reais que atravessam esse campo. O processo contínuo de investigação, criação e auto reflexão em diálogo com outras pessoas, ideias e caminhos me fizeram enxergar aquele espaço de articulações permanentes como um lugar propício para a criação de minha identidade docente.

Quando penso na minha formação como docente artista sinto que é necessário investir no compartilhamento de memórias, tornando as práticas e vivências artísticas como espaço propício para o relato de experiências. É como abrir diante de si uma página onde se possa narrar vivências e modos de ser. Borre (2020) apresenta a importância do compartilhamento de nossas narrativas:

Ao contar, inventar e reinventar experiências, geramos processos de mudanças microfísicas, ao nível do pessoal/subjetivo, na relação com os lugares que ocupamos nas redes de poder. Um processo emancipatório é desencadeado a partir da tramação de nossas histórias – e o que escolhemos contar – com o acontecimento em si e a interpretação do outro. Uma tríade que provoca, constrói sentidos (BORRE, 2020, p. 43).

Por meio das ações compartilhadas em *Liame*, considero que a valorização de autobiografias das pequenas narrativas, do corpo que vibra, e o protagonismo nos processos de criação, incentivam e legitimam a produção de novas narrativas, e novos sentidos de ver e viver, instigam processos auto reflexivos e contribuem para melhores

relações interpessoais, de maneira que são ações com potencial de propor mudanças no ambiente.

Borre (2020), também discorre sobre a problemática da enxurrada de palavras e imagens com as quais interagimos todos os dias e criamos relações existenciais. A autora destaca que o campo da Cultura Visual nos alerta para um “afogamento imagético” que impossibilita abarcar criticamente inúmeras possibilidades crítico-interpretativas. Ao me debruçar sobre tais apontamentos, e relacionar com alguns pensamentos de Han (2021), concordo que a adição e o acúmulo infinito de visualidades tendem a igualar/homogeneizar modos de pensar, pois o global nivela todas as diferenças, vai uniformizando na medida que des-localiza a cultura em hipercultura.

Quando as imagens e artefatos culturais tendem ao acúmulo, acabam produzindo narrativas comuns, evitando o aparecimento de sulcos visíveis. Por isso, “a ação de puxar o fio, tencionar verdades e criar visualidades, tende a desfiar a linha de nossas certezas e inundar as relações interpessoais com novas possibilidades de ver o outro.” (BORRE, 2020, p. 114-115).

Nossas narrativas assumem um papel fundamental, não só para respeitar os limiares e o reconhecimento do outro, mas justamente para legitimar histórias e as particularidades de um modo de ver.

Penso que os processos educativos podem ser mais humanizados ao se priorizar e aprofundar as vivências ao invés de acelerá-las. Facilitando ações educativas significativas por meio de processos de criação artístico-pedagógicos que priorizem a aprendizagem processual, permitindo assim a capacidade de conclusão, ou seja: internalizar e perceber o que estava sendo vivenciado, antes de começar um novo trabalho. Assim como o filósofo Han (2021) percebo que “A narração é uma forma de conclusão, tem começo e fim. Uma ordem fechada a caracteriza. Informações, ao contrário, são aditivas, não narrativas. Não se juntam, terminando em um conto, em uma canção que doa sentido e identidade.” (HAN, 2021, p.53).

Acredito também que a criação de um espaço de escuta e de diálogo, junto ao compartilhamento de narrativas e a relação com o outro, permite um maior autoconhecimento, e uma profunda atenção para a identificação e fortalecimento de subjetividades e produção de novas visualidades.

E assim concordo com Krenak (2022) ao dizer que “Essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação.” (KRENAK, 2022, p. 103).



Figura 10, Graciela Ferreira, Memórias registradas durante o processo de criação em Liame, 2022.
Fotografia: Letícia Andrade

5 Por fim, memórias compartilhadas permanecem vivas

Fios de desconforto.
Memórias compartilhadas permanecem vivas.
Entre nós.
Para lembrar daquela menininha.
Por que costuramos? — Deixo um presente, me permitindo brincar e
imaginar.
O adeus não dito e aqui a oportunidade de externar isso. O acolhimento, o
luto e milhões de sentimentos.
Atenção é o início da devoção (não se esqueça do processo).
A rede da minha gata, que nunca botei...meus cabelos pra cima bem pretos.
Como os pelos da minha gata.
Ainda bem que voltei, bom saber que posso voltar.
(Memórias registradas durante o processo de criação de *Liame*)

A proposta desta pesquisa partiu do interesse investigativo sobre meu processo de criação, a partir de práticas e experimentações artístico-pedagógicas. Também refleti sobre o ritual como processo criativo, me permitindo experimentar atravessamentos entre a materialidade têxtil e buscando entender de que modo o

saber e fazer manual potencializam a escrita de si, e como as narrativas autobiográficas contribuem para um processo de formação docente crítico-reflexivo.

É importante perceber o quanto pode ser significativa a formação de professores que investe na pesquisa narrativa como proposta de formação pedagógica. Pois, o ato de materializar inquietações, promove autorreflexão, revelando assim subjetividades e oportuniza a criação de novos significados. Desta forma, podemos perceber que tomar consciência de algumas questões do íntimo, cria espaços e aponta caminhos de compreensão para ver o outro a partir de si.

Sendo assim, uma reverberação importante deste projeto será a continuidade de uma escrita reflexiva acerca das memórias e relatos apresentados pelas/os amigas e colegas participantes do mural têxtil.



Figura 11, Graciela Renato, *Memórias registradas durante o processo de criação em Liame*, 2022.
Fotografia: Graciela Ferreira

6 Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes. 1993

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 10/05/2022.

BORRE, Luciana. **Bordando afetos na formação docente**. Conceição da Feira: Andarilha, 2020.

DUARTE JR. J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000.

HAN, Byung – Chul. **O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente**. Tradução Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

IRWIN, Rita. *A/r/tografia*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

LIAME. In: Porto Editora – liame no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2023. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/liame>>. Acesso em: 04/03/2023.

7 Apêndice

Apêndice A - Link de acesso ao vídeo Liame <https://youtu.be/uBooQ6D4JxY>